



Caeru

julho 005

Carta de abertura

Há algum tempo venho aprendendo que nem todo processo precisa ser acelerado.

Vivemos cercados pela urgência. Pela necessidade de produzir, responder, aparecer, concluir. Como se a vida acontecesse apenas quando estamos em movimento. Mas esta edição nasceu justamente quando eu comecei a perceber o valor do silêncio e da calma.

Ela nasce no inverno, sob a constelação de leão.

Acredito que foi exatamente isso que eu vivi durante a construção desta quinta edição.

Nos últimos meses aprendi a processar as coisas antes de querer repassar com urgência. Descobri que algumas pausas são laboratórios onde a vida reorganiza aquilo que ainda não conseguimos compreender.

Que você possa caminhar por estas páginas sem a obrigação de encontrar algo específico. Que encontre apenas o que precisar encontrar. Uma palavra. Uma lembrança. Um incômodo. Um descanso. Ou, quem sabe, aquele silêncio raro que organiza por dentro aquilo que ainda não sabemos nomear.

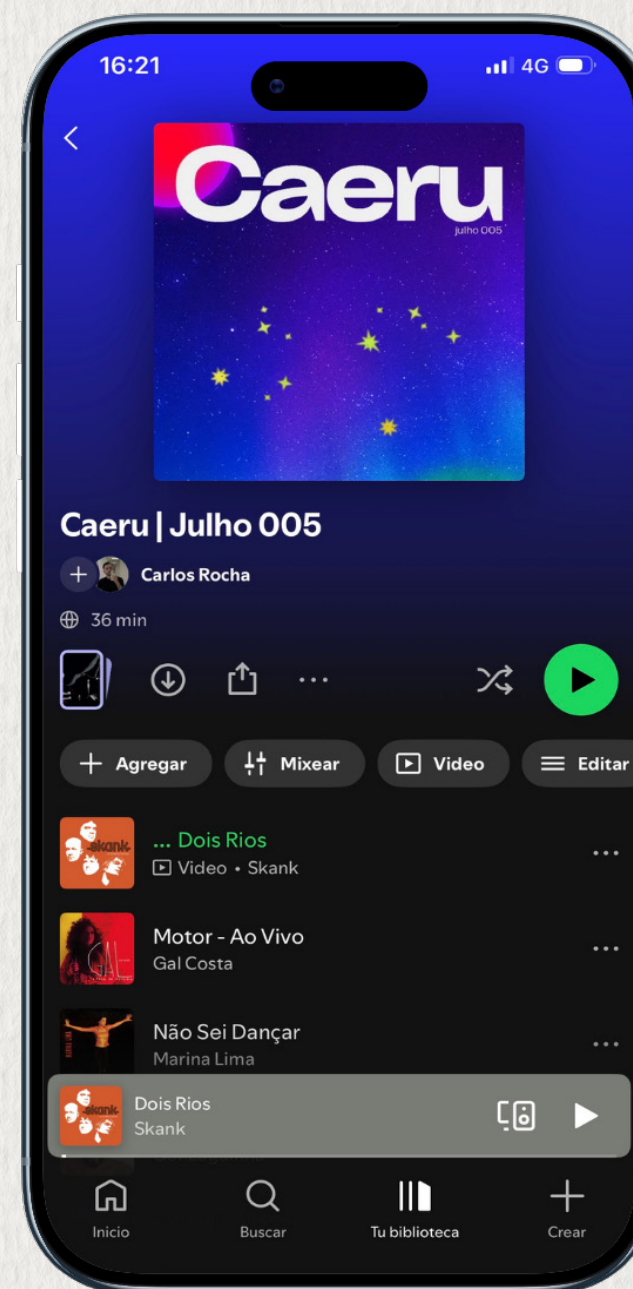
Se a Caeru sempre foi um espaço de encontros, nesta quinta edição ela também se torna um espaço de pausa.

Que este inverno, do lado de fora ou do lado de dentro, nos ensine a confiar nos processos invisíveis.

Boa leitura.

Carlos Rocha

Playlist – Caeru 005



Link Playlist Caeru 005





Sumário

6



Espressão

16



Olhar Caeru

26



Cotidiano Criativo

36



Pensar é criar

46



Inspiração

o lado do recheio

Eu como sempre
Dividindo meu biscoito
Ela como sempre
Chega sorridente
Eu como sempre
Dei a ela o lado do recheio
Ela como sempre
Por pouco tempo ficou
Eu como sempre, iludido
Fiquei como quem perdeu o gol

minha casa, minha vida

Eu sempre vou embora
Mas sou doida pra ficar

Já morei Zona Sul
Trincas, fissuras e desníveis
Fundações comprometidas e solo instável
Cedeu

Mas depois aluguei por aí
Meio nômade querendo descobrir
Inflação imobiliária
Investimento sem retorno

Quero morar
De graça
Onde ser quem eu sou basta

E então permanecer
Morar, residir, ficar
Entrar descalça
E repousar.

DA AUTORA

Eu percebi que existe uma grande possibilidade deste texto ser cíclico ou de, com sorte, terminar na minha vida. Enquanto escrevia, pensei que me parece justo que custe o que muito vale. Curio-

samente, financiar é assumir um compromisso de longo prazo com algo que se acredita valer o investimento. Talvez as relações também sejam assim, um investimento que pode ser dividido.



Nada **que já não** **tenha sido** dito

3x4
7x10
10x15

Retratos em minha mesa
Momentos em minha cabeça
Que necessidade eu tenho
De tentar parar o tempo

Nos formatos mais célebres
Dos clássicos aos com tarja preta
Apesar de não ter todos os intérpretes
Os guardo no coração, numa gaveta

Até que o tempo os leve embora
Não importa se discorda
O tempo um dia corta a corda
E suas fotos então desbota

Mas por pura teimosia e ignorância
Amor, medo, ilusão ou votos
Insistimos em guardar nossas fotos
Momentos que tiveram importância

15x21
20x25
30x45

RESPIRALAR

Dizem que o ciclo é círculo
Moeda, relógio, bambolê
O diâmetro seria então, a medida de valor?
Se o ponto central é a essência,
De que vale o afastamento?

Parabenizo pelas bodas aquele que não se perdeu
E fez do círculo as algemas de si
Acredito mais na performance do tempo
Como meus cachos ao vento
Fazendo curvas sobre si

No sibilar dos segredos do céu
A semiótica me fez apaixonada por astrologia
A cada sol
de um novo ano
ou de um novo dia

Ao entardecer
Comer a romã
No banquete de ambrosia
Em uma coreografia
Que conduz para perto
O florescer do inverno

E como um suspiro,
Nas noites mais longas e escuras
Em um estreitar de olhos ainda posso ver
A via láctea
Encadernando histórias



Laços

Hoje acordei pensando nos laços entre as pessoas.

Talvez muita gente não os crie porque acredita que laços são profundos demais, exigem demais, revelam demais. Mas eu penso diferente. Para mim, criar laços é confiar. É saber que existe um lugar em alguém onde podemos repousar nossos medos, nossas alegrias e até nossos silêncios.

Estar junto nem sempre significa dividir o mesmo espaço. Há pessoas que caminham ao nosso lado sem dar um único passo conosco. Permanecem.

Moram no coração. E é ali que os verdadeiros laços se fortalecem. Lembro-me de um velho conto que dizia que duas árvores, plantadas em colinas distantes, jamais tocaram seus galhos. Quem as observava acreditava que eram estranhas uma à outra. Mas sob a terra, invisíveis aos olhos apressados, suas raízes se encontravam. Compartilhavam a mesma água, enfrentavam as mesmas secas e, em silêncio, sustentavam-se mutuamente.

Assim também são alguns encontros da vida. Nem sempre marcados pela presença constante, mas pela certeza do afeto. Porque os laços mais fortes não são aqueles que prendem; são aqueles que conectam. Não exigem correntes, apenas cuidado. Não cobram presença a todo instante, apenas verdade quando ela se faz necessária.

E talvez seja isso que o coração tenta nos lembrar nas manhãs tranquilas: que os laços não nascem da proximidade dos corpos, mas da proximidade das almas. E uma alma, quando encontra outra que a compreende, nunca está realmente distante.

Solidão

Hoje acordei pensando na solidão.

Ela chega sem bater à porta. Às vezes vem leve, como a brisa que atravessa a janela ao amanhecer; outras, entra silenciosa e ocupa cada canto da casa, cada espaço da alma. Há dias em que ela é companhia serena. Em outros, é um eco que insiste em lembrar ausências.

A solidão tem várias vertentes. Tem gente que está junto, mas é sozinha. Tem gente que é sozinha, mas está junto. E tem gente que não tem opção: está sozinha e pronto. Estar sozinho é uma escolha. Você pode ter alguém e optar por estar só em determinados momentos, para se ouvir, se reencontrar, respirar. Ser sozinho é outra coisa. É quando a ausência não é escolha, é condição. É quando o silêncio da casa parece maior que os cômodos e os dias parecem longos demais.

Mas a solidão também ensina. Ela revela quem somos quando não há aplausos, distrações ou companhia. Ela mostra nossas feridas, mas também nossa força. Há dias em que pesa como uma pedra no peito; há outros em que se transforma em abrigo, liberdade e paz.

Talvez o segredo não seja fugir da solidão nem abraçá-la por completo. Talvez seja aprender a conversar com ela. Entender quando veio para nos proteger e quando está nos aprisionando. Porque ninguém deveria viver condenado à solidão, mas todo mundo deveria aprender a estar bem consigo mesmo.

No fim, a pior solidão não é a falta de pessoas ao redor. É a falta de conexão — consigo mesmo e com os outros. E a melhor companhia talvez seja aquela que nos faz sentir menos sozinhos, inclusive quando estamos em silêncio.

Talvez seja por isso que a vida seja feita de encontros tão raros. Porque não basta a presença, nem a proximidade. O que realmente afasta a solidão é quando dois quererem se reconhecem no mesmo caminho e escolhem caminhar lado a lado. E, quando isso acontece, até o silêncio deixa de ser vazio e passa a ser uma forma de companhia.





Entre o processo e a síntese

Como a inteligência artificial desloca o valor simbólico da criação e transforma tempo em um novo luxo

A medida que uma tecnologia altera de maneira profunda a forma como consumimos e nos relacionamos com o mundo, o que não pode ser reproduzido adquire um novo valor simbólico. Atualmente, esse lugar está sendo ocupado pela criatividade, pela experiência humana e pelo fazer artesanal.

O mercado de luxo abrange diversos setores e funciona com base em pilares como: exclusividade e escassez, alta qualidade, valor simbólico e emocional agregados. Isso significa que o conceito de luxo se desloca conforme caminha a sociedade. Em certa época,

o luxo era utilizar determinadas cores e possuir especiarias, em outra, bens duráveis como relógios suíços e carros importados, posteriormente a era da logomania, até atualmente, momento em que o luxo está intimamente atrelado a um bem imaterial, o tempo.

O deslocamento de valor é percebido pelo mercado que quer ser cada vez mais real e casual. Campanhas têm sido feitas em lugares como cafés, comunidades, lavanderias e mercados estabelecendo contrastes que revelam a saturação das produções luxuosas a partir da premissa da romantização da vida, onde o cotidiano pode ser incrível. Essas ex-

periências cada vez mais humanas são reconhecíveis, mas permanecem inacessíveis.

Na lógica da fetichização da exclusividade, o tempo não é o único a ser considerado e transformado em ativo de marketing, a narrativa de afeto também impacta diretamente no custo e a imperfeição surge como charme carregado de intencionalidade. Por isso, o mercado começou a narrar o artesanal como handmade ou handcrafted. A utilização de termos em inglês visa agregar status de sofisticação, promovendo a elitização de práticas manuais e criando uma diferenciação simbólica entre o artesão e o designer handmade.

Em um momento onde tudo é automático e reproduzível, o humano se torna raro, por isso marcas como Apple, Porsche e Hermès estão investindo alto na produção de campanhas em colaboração com artistas, sem recorrer à inteligência artificial. A criação humana representa autenticidade, presença e exclusividade, tudo o que interessa ao mercado. Esse investimento, porém, não denota exemplo de ética, muito menos uma postura humanista. É apenas um recurso estratégico, já que em um mercado saturado e homogeneizado, o trabalho autoral se caracteriza como uma contratendência e se torna um ativo de diferenciação.

Isso fica claro quando percebemos que as marcas que celebram o artesanal, são as mesmas marcas que precarizam mão de obra, terceirizam produção e economizam sobre quem produz manualmente, o que nos leva a um questionamento: quem recebe o valor

financeiro e simbólico do artesanal?

Hegel já indicava que o crescimento de uma força automaticamente produz o fortalecimento de seu oposto, fazendo com que não coexistam coincidentemente, mas alimentem-se mutuamente. À medida que um fenômeno se expande, o mesmo ocorre com aquilo que lhe resiste, ou lhe complementa. Logo, quanto maior a automação proporcionada pela inteligência artificial, paradoxalmente, maior é o desejo por presença humana.

A humanização surge como um termo amplamente utilizado em oposição à automação, antes mesmo da IA ser o que é hoje. A criatividade passou a ocupar um lugar semelhante ao que o atendimento já ocupava, uma atividade cuja assinatura humana virou diferencial competitivo.

Mas criatividade não é somente produção. É uma maneira de organizar a bagagem e o repertório, atravessados por intenção, energia e contexto em uma linguagem própria. É uma forma de ver o mundo e se relacionar com ele em um processo detalhado que evidencia coragens e ímpetos através de escolhas que deixam rastros. Uma obra é também quem a fez, porque fez, quando fez e onde fez. A autoria integra o significado assim como o processo o produz. Por isso, Walter Benjamin argumentava que a reprodução técnica altera a percepção da singularidade da obra, destruindo sua aura e eliminando seu aqui e agora, ou seja, sua presença única no tempo e no espaço.

Então, talvez o que esteja emergindo ul-



Foto: unsplash.com | lk-studios

Foto: unsplash.com | andrii-solok

trapasse ou sintetize o humano e o artesanal, talvez seja sobre autoria. A inteligência artificial produz conteúdos capazes de assumir aparência artística, mas isso é diferente de experiência artística, principalmente levando em consideração todas as suas dimensões intrínsecas.

E se o movimento responde ao excesso de padronização, se faz importante olhar com mais atenção para a força que impulsiona esse deslocamento, talvez o ponto mais incômodo não seja exatamente o que ela cria, mas o que ela revela sobre nós.

Em novembro de 2024, um estudo publicado na Nature Scientific Reports, conduzido pelos pesquisadores Brian Porter e Edouard Machery, investigou como leitores avaliam

mede apenas capacidade de produção, mas também padrão de recepção. O que tende a performar melhor não é necessariamente o mais profundo, e sim o mais legível, o mais familiar, aquilo que se organiza dentro de códigos reconhecíveis.

A IA, por definição, opera nesse campo. Treinada sobre grandes volumes de dados, ela aprende a reproduzir estruturas já validadas e a equilibrar forma e conteúdo dentro de um padrão médio de aceitação. Há pouco ruído, pouco excesso, pouca fricção.

Em uma entrevista recente, o escritor e consultor de moda André Carvalhal chamou atenção para um efeito colateral desse cenário: à medida que ferramentas generativas se popularizam, o que é produzido a partir delas

— “A criação é tempo humano condensado.”

poemas gerados por inteligência artificial em comparação com poemas escritos por humanos. O experimento reuniu milhares de participantes, que leram os textos sem identificação de autoria e os avaliaram em critérios como qualidade, emoção e clareza.

O dado que mais circulou é que, em muitos casos, os poemas produzidos por IA foram considerados indistinguíveis dos humanos e, com frequência, melhor avaliados.

O resultado pode soar como um marco tecnológico. Mas talvez funcione mais como um espelho. Isso porque a pesquisa não

tende à homogeneização. Não por limitação técnica, mas por convergência de repertório. Nesse contexto, ele sugere que o “humano” pode passar a operar como diferencial, quase como um novo marcador de valor.

A provocação não está exatamente na oposição entre humano e máquina, mas no deslocamento de expectativa.

Se o que é gerado por IA nos agrada com tanta facilidade, talvez isso diga menos sobre uma suposta superioridade tecnológica e mais sobre o tipo de relação que estabelecemos com o conteúdo: uma relação orientada

pela fluidez, pela compreensão imediata e pela ausência de esforço.

Nesse cenário, o humano não desaparece. Ele muda de lugar. Deixa de ocupar o espaço da eficiência e passa a habitar o da exceção. Aquilo que não se resolve rápido, que não se encaixa perfeitamente, que exige tempo e repertório para ser absorvido.

É justamente nesse deslocamento que uma mudança mais estrutural começa a aparecer.

Se a produção se torna abundante, rápida e homogênea, o valor tende a migrar. Sai do que é facilmente replicável e passa a se concentrar no que carrega tempo, processo e intenção, no que não pode ser reproduzido em escala com a mesma facilidade. Não como resistência nostálgica, mas como uma resposta concreta de mercado, de cultura e de percepção.

Nesse contexto, o artesanal deixa de ocupar apenas um lugar estético e volta a operar como valor. Não se trata da negação da tecnologia, mas da afirmação de algo que ela não entrega: trajetória, imperfeição, autoria situada.

O risco, então, não é que a inteligência artificial substitua a criação humana. É que, ao nos acostumarmos com o que é previsível e bem acabado, passemos a reduzir o espaço do que exige mais, até que isso se torne raro. E, quando se torna raro, não apenas ganha valor, passa também a funcionar como mar-

cador. Não só de gosto, mas de acesso, repertório e distinção.

No fim, o luxo sempre foi escassez, e hoje, o bem escasso e principal ativo na economia simbólica do valor, é o tempo. E isso é profundamente político porque quando tempo vira moeda, revela estruturas de acesso que partem das condições materiais desigualmente distribuídas. O mercado passa a vender aquilo que comunica ter levado tempo, mas esse tempo não é bem remunerado e a partir dessas tensões surgirão novas linguagens que mais tarde serão vendidas como exclusividade, em um ciclo.

A verdadeira disputa que permeia nosso tempo, é entre o processo e a síntese.

O valor reside no processo: em sua autoria, suas escolhas, seus rastros e seu tempo. A criação é tempo humano condensado. Em uma camada mais profunda, ao relacionar a criatividade à repertório e experiência, conferimos a ela a sedimentação do tempo vivido, gasto aprendendo, praticando e não apenas fazendo. Uma tela pode levar anos de prática; uma coreografia pode traduzir uma vida inteira; e uma arte, pode condensar anos de formação. Porque o processo pode começar na construção de um olhar e então, talvez aquilo que chamamos de criatividade seja apenas outra forma de nomear o tempo.



ERA DO EQUILIBRIVM

o boom da jornada pelo autoconhecimento



O ano é 2026. Estamos percebendo que tudo o que fizemos até agora, tudo o que mostramos nas redes sociais e toda a imagem que construímos para que os outros vissem entra em conflito quando deitamos a cabeça no travesseiro e percebemos que não estamos sendo nós mesmos.

Essa percepção começa crescer e se transforma em uma angústia silenciosa. Já não nos reconhecemos mais. As pessoas que estão ao nosso redor talvez não sejam, de fato, aquelas com quem nos conectamos. Passamos a nos perguntar por que fazemos o que fazemos. Para onde estamos indo? E, principalmente, por que estamos seguindo nessa direção?

Nas últimas décadas, as redes sociais transformaram nossa relação com a própria identidade. O marketing, que antes vendia principalmente produtos, passou a vender estilos de vida, pertencimento e versões idealizadas de quem poderíamos nos tornar. Não compramos apenas uma roupa, uma viagem ou um celular. Compramos a promessa da pessoa que gostaríamos de ser.

O fato de passarmos mais tempo no am-

pela indústria da atenção. Alimentamos essa identidade diariamente, até que ela começa a ocupar o lugar de quem realmente somos.

Confundimos com facilidade a mente pensante, aquilo que algumas tradições chamam de ego, com quem realmente somos em essência. Outras correntes filosóficas preferem chamar essa dimensão de Eu verdadeiro ou Eu superior. Independentemente do nome, o excesso de informação e de estímulos torna cada vez mais difícil silenciar a mente. Quando o ruído é constante, nossa percepção sobre nós mesmos também se torna turva.

Psicólogos, filósofos, professores, artistas, terapeutas e criadores de conteúdo utilizam justamente as mesmas plataformas digitais para provocar reflexão. A ferramenta continua sendo a mesma. O que muda é a intenção com que ela é utilizada.

Você já reparou como grande parte dos conteúdos que consumimos hoje fala sobre autoconhecimento, expansão da consciência, espiritualidade ou propósito? Talvez isso não seja coincidência.

Mas todo movimento cultural relevan-

— *“Quando o ruído é constante, nossa percepção sobre nós mesmos também se torna turva.”*

biente online do que na experiência concreta da vida nos levou, aos poucos, a nos identificar cada vez mais com a persona moldada

te acaba, de alguma forma, sendo absorvido pelo mercado. E com a busca pelo autoconhecimento não foi diferente. A espiritualidade ganhou mercado. O bem-

-estar virou nicho. A busca interior tornou-se estratégia de posicionamento.

Nesse cenário, encontramos conteúdos superficiais, positividade em excesso, promessas de transformação instantânea, cursos, mentorias, produtos wellness e inúmeras fórmulas que prometem entregar aquilo que, por natureza, não pode ser comprado.

Mas como reconhecer o que é verdadeiro?

Talvez não exista uma resposta definitiva. Ainda assim, existe uma característica que costuma atravessar aquilo que nasce da verdade: a autenticidade.

Quando algo é produzido a partir de uma experiência real, e não apenas da intenção de vender ou ocupar mais espaço nas redes, ele desperta identificação. Não porque tenta convencer, mas porque simplesmente expressa uma vivência.

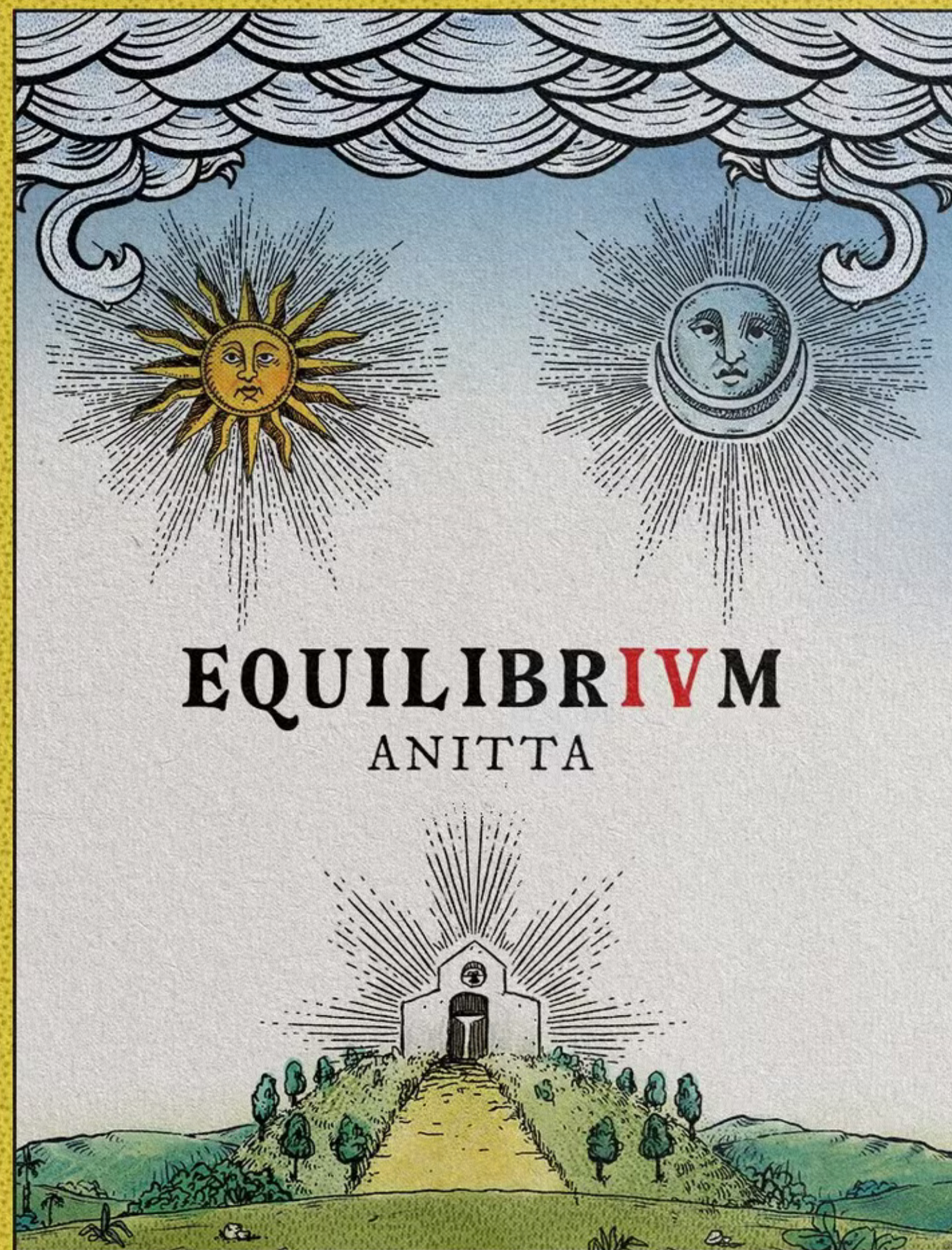
Um exemplo recente é o projeto EQUILIBRIVM, da cantora Anitta. Há algum tempo, ela já demonstrava mudanças na forma como se apresentava ao público. Surgiram memes sobre a atmosfera dos Ensaios da Anitta, com sinos, tigelas tibetanas e uma estética mais contemplativa. Para muitos, parecia apenas uma mudança de linguagem. Hoje, é possível perceber que aquilo fazia parte de um processo pessoal que acontecia antes mesmo de se tornar um produto artístico.

O resultado desse percurso foi a criação de um trabalho que rompe com boa parte

do que ela havia produzido anteriormente. Nas letras e em entrevistas, a cantora relata que, durante muito tempo, expressou a imagem que acreditava que as pessoas esperavam dela. Em determinado momento, percebeu que também havia passado a acreditar nessa versão construída.

Esse é o motivo pelo qual EQUILIBRIVM dialoga com tantas pessoas. Não apenas por sua estética ou por seu discurso, mas porque toca em uma pergunta que parece atravessar nosso tempo: *quem somos quando deixamos de representar aquilo que esperamos de nós?*

Em meio ao boom do autoconhecimento, torna-se cada vez mais essencial compreender a distinção entre performance e experiência. Muitos discursos existem apenas para gerar engajamento, mas também existem processos verdadeiros. Estes, porém, não precisam convencer. São aquilo que permanece quando não precisamos mais provar quem somos, quando não há ninguém olhando. Revelam-se através da coerência entre o que é expressado e o que é vivido: é a verdade que transborda. Como sugere EQUILIBRIVM, o autoconhecimento talvez nunca tenha sido um lugar de chegada. Talvez seja apenas o movimento constante de voltar para si, toda vez que percebemos que nos afastamos demais.





Pontos de partida

Casa de apoio transforma bordado em ferramenta de autonomia feminina

O primeiro contato da Caeru com a Associação Casa Madre Teresa de Calcutá aconteceu por meio de uma indicação interna: uma de nossas colunistas encontrou os bordados produzidos pela associação em uma feira no Centro Cultural Banco do Brasil. Entre linhas, tecidos e histórias compartilhadas, surgiu a vontade de conhecer mais de perto o trabalho desenvolvido pela instituição junto a mulheres em situação de vulnerabilidade.

Para conhecer o projeto, é preciso conhecer sua alma: a pessoa por trás de tudo.

A jornada começa com Maurício Alves Pereira, o Tio Maurício, que veio de São Paulo. Já havia vivido experiências em comunidades de São Paulo, posteriormente em Curitiba e, a partir daí, seguiu como andarilho até chegar a Belo Horizonte. Não pretendia ficar; a intenção era seguir para o Bolsão da Seca, no Nordeste, mas se deparou com muitas pessoas em situação de rua e foi tomado por uma pergunta: “Quem são essas pessoas?”. Ao mesmo tempo, veio uma resposta, como uma luz: “Se você quer saber deles, se faça um deles” e isso foi amanhecendo, até que



decidiu ficar. Escolheu então viver na rua de igual para igual, para conhecê-la a partir de uma perspectiva interna.

“Primeiro você tem que se apaixonar pela rua como um menino que quer ser pescador, tem que se enamorar pelo mar. Não entre afoito.”

Nunca perguntava o motivo de alguém estar na rua, só estava lá, disponível, com profundo respeito por onde aquela pessoa vivia. O acolhimento acontece sem imposição, mas

o afeto se impõe naturalmente ao longo do processo. Então, o engajamento vem, tão livre quanto o afeto que foi.

Em determinado momento de sua caminhada, encontrou uma grávida e recebeu um pedido: “Tio Maurício, ela não pode ter nemém na rua, ajuda a gente”. Ali tudo começou: foi conquistada a primeira moradia que inaugurou a Casa Madre Teresa, que, assim como a criança que mudou tudo, foi gestada na rua, mas se transformou em lar para aquela mãe e para as outras que viriam.

O nome Madre Teresa surgiu naturalmente

e foi automaticamente abraçado. Para além da admiração pela figura, houve um encontro entre o nome e a missão, pois ela trabalhou, assim como a Casa, com pessoas às margens, aquelas que vêm da rua, do cárcere, da drogadição, com questões de saúde mental, violência doméstica... pessoas que, para muitos, se tornam invisíveis.

“Seja para os pobres um alimento até o fim, que o seu amor, a sua vida seja para eles um alimento até o fim. Talvez você seja o único evangelho que eles possam ler.” - Madre Teresa De Calcutá

A Casa Madre Teresa de Calcutá é uma organização sem fins lucrativos localizada no bairro Alto Vera Cruz, em Belo Horizonte. É uma casa de apoio social com foco em mulheres e crianças que passaram por situação de rua, marcadas no corpo e na alma por violências, abusos, negligências, solidões e violações. A associação existe há mais de vinte anos e tem como objetivo a reintegração social e a construção de autonomia.

Esse apoio é essencial, principalmente quando falamos de mulheres, que, apesar de liderarem mais da metade dos lares brasileiros, ganham menos que os homens e enfrentam maiores índices de informalidade e desemprego. Além da jornada dupla e às ve-

zes tripla de trabalho, quando trabalham fora, cuidam da casa e dos filhos. Tudo isso, em um país com índices de violência de gênero cada vez maiores.

Ainda é possível estabelecer outro recorte, o de raça, já que mulheres pretas e pardas representam cerca de 60% das chefes de família, e, quando se fala em mortes violentas por razões de gênero, o número chega a 75%, como afirma Juliana Brandão, coordenadora de Gênero e Raça do Fórum Brasileiro de Segurança Pública em entrevista concedida à CNN.

O suporte a essas mulheres acontece a partir de três pilares que são refletidos na rotina de atividades do espaço. O primeiro, espiritualidade. Todas as segundas-feiras são realizadas reuniões com o Tio Maurício abordando essa temática; O segundo, arte e autonomia. Todas as quartas-feiras acontece a oficina de bordado; O terceiro, autoestima. Todas as sextas-feiras há vivências de dança circular e quinzenalmente, oficina de biodança, proporcionando autoconhecimento, expandindo sua autoconfiança e promovendo conexão com o próprio corpo e com o outro.

Uma rotina criada para desenvolver essas mulheres a partir de realidades diversas e fazer com que se sintam mais confortáveis na sua própria existência. Pensando nisso, também são realizados passeios e atividades cul-





turais como teatro, cinema, clube, oficinas de culinária e cursos em parceria com o Minas Tênis Clube.

O bordado surge como uma possibilidade de renda que se destaca pela flexibilidade de produção, alta valorização artesanal e baixo investimento inicial, questão de suma importância neste contexto.

Para além de uma ferramenta

de independência, o bor-

dado, aqui, assume um novo propósito

e se apresenta

como ferra-

menta de ar-

teterapia. Por

meio dele, é

possível se

expressar livre-

mente. Ele ajuda

a colocar para fora

dores e medos que a

fala às vezes não conse-

gue alcançar e os ressignifica,

de forma lúdica, fortalecendo o equilíbrio

psíquico da participante. Também auxilia a

organização interna, diminuindo a ansieda-

de e cultivando a paciência na compreensão

dos processos, já que os movimentos repe-

tidos da agulha ajudam o cérebro a focar no

presente, amenizando a atenção voltada aos

problemas cotidianos. A liberação de dopamina associada aos trabalhos manuais desperta a sensação de bem-estar. Além disso, o estímulo cognitivo e a aprendizagem de uma

nova habilidade contribuem para o fortalecimento da autoestima. Outro benefício essencial da prática é o fortalecimento de vínculos que ocorre através do compartilhamento de

saberes e experiências entre as integran-

tes do projeto, com as voluntárias

e com a comunidade.

Os bordados são aplicados em diversas peças, como panos de

prato, jogos america-

nos, necessaires, to-

alhas, organizadores,

ecobags, entre ou-

tros. A temática recorre-

nte aponta as maiores

necessidades das mu-

lheres acolhidas: os florais,

representando a beleza da vida;

casinhas, como símbolo da esperança

de um lar e em referência à Casa como lugar

seguro; e as mensagens positivas que aco-

lhem e incentivam, inspirando a formação de

um novo olhar.

As peças são produzidas individualmente

e, quando prontas, passam por um proces-

so permeado por carinho em cada etapa:



quando são lavadas, passadas, embaladas e etiquetadas com o nome da artesã responsável. Toda a renda das vendas é destinada às mulheres e as apoia em seus lares e famílias, com apenas um valor simbólico destinado

tância disso no livro “O beijo de Deus na rua” escrito por ele e Paulo Gabriel, em que é contada a história de Célia, que foi acolhida na Casa, mas voltou para a rua para ficar com a filha, que não queria sair de lá.



aos materiais.

Nenhuma acolhida pela Casa havia tido contato com esse trabalho manual anteriormente. Nilda é uma das integrantes do projeto e um exemplo desse potencial, além de aprender, ensinou também aos filhos e ao marido. O Tio Maurício retrata bem a impor-

“Um dia fui à Avenida Amazonas, sob o viaduto, para ver se a encontrava. De longe vi que estava bordando. O olhar dela sobre o pano, como se o olhar e o pano fossem uma coisa só. O pano estava branquinho, quer dizer, isso é sagrado, como se dissesse assim:

esse lugar eu preservo. [...]”

Quando o lugar é um santuário dentro da gente, esse santuário existe. Porque, quando a gente fala de verdadeiras transcendências, isso já é um sinal de ressurreição. Algo profundamente sagrado.”

Assim como o bastidor sustenta o tecido, a Casa Madre Teresa de Calcutá ofere-

ce o apoio e a estabilidade necessária para que novas histórias sejam construídas e cada ponto é um recomeço, um avanço em direção à autonomia em que cada pequeno gesto forma um novo desenho. Todo bordado possui um avesso, geralmente confuso, cheio de nós e linhas cruzadas, assim como a trajetória dessas mulheres, e é justamente esse avesso que sustenta a beleza construí-



da. Como canta Maria Bethânia: “O mais importante do bordado é o avesso, o mais importante em mim é o que eu não conheço”. Talvez toda agulha que atravessa um tecido também atravesse quem a conduz, revelando, aos poucos, aquilo que ainda não havia sido descoberto em si.

Para além de inserir criatividade no cotidiano, é importante perceber a partir de que olhar fazemos isso para garantir que vemos arte em todos os espaços. Nesse contexto, a produção artística se afirma não só como meio de expressão e de cuidado terapêutico, mas também como ferramenta de autonomia que possibilita a criação de vínculo e renda. O artesanal, nesse cenário, carrega ainda mais beleza por toda a história que é transmitida pelas mãos dessas mulheres.

Fica o convite não só para conhecer e apoiar a instituição, valorizando seu potencial criativo, mas para, a partir dessa inspiração, ajustar o seu olhar para as pessoas que possam porventura precisar, para a artista

que vive no seu bairro e não na galeria, para aquela pessoa que começou a produzir arte agora e vibraria com uma palavra de incentivo e principalmente para os lugares que passam despercebidos, assumindo a missão de fazer com que o outro se sinta verdadeiramente visto.

Quem desejar fazer parte dessa rede, seja adquirindo um bordado, tornando-se voluntário ou contribuindo com materiais, pode entrar em contato através do Instagram @bordadosmadretereza ou pelo WhatsApp no número (31) 99572-2931.

Os bordados podem ser adquiridos presencialmente na sede da Casa Madre Teresa de Calcutá, localizada na Rua Padre Júlio Maria, 84-A, bairro Vera Cruz, em Belo Horizonte, de segunda a sexta-feira, das 8h às 14h, ou na Igreja do Carmo.

A Casa também recebe materiais de bordado e itens usados para o bazar.

— *“Por fim, é importante sustentar a ideia de que o trabalho deve servir à vida — e não o contrário”*

Texto de Kahenna Ochay, baseado em entrevista com Maurício Alves Pereira, Wilma Freitas, Marília Duarte Flores, Andréia Reis Dalle e Lúcia Fonseca.



ENTRE O DESEJO E A URNA:

o que a psicanálise pode nos ensinar sobre política em tempos de eleição?

Em tempos de eleição, uma pergunta parece atravessar as conversas, as redes sociais e até os almoços em família: em quem votar? A resposta, muitas vezes, parece depender de argumentos racionais, propostas de governo ou avaliações sobre a gestão pública. Mas será que escolhemos nossos representantes apenas pela razão? Ou existe algo, menos evidente, que também participa dessa decisão?

A psicanálise, desde Freud, nos convida a desconfiar da ideia de que somos inteiramente senhores de nossas escolhas. Entre aquilo que pensamos decidir e aquilo que efetivamente nos move, existe um território povoado por desejos, identificações, medos, fantasias e afetos. A política, talvez mais do que qualquer outro campo da vida coletiva, revela essa dimensão.

Em Psicologia das Massas e Análise do Eu, Freud observa que os grupos humanos não funcionam apenas pela lógica dos argumen-

tos. Há um componente afetivo poderoso que aproxima as pessoas de determinadas ideias, líderes ou causas. Muitas vezes, um líder ocupa simbolicamente um lugar de ideal, despertando admiração, esperança e pertencimento. Não é raro que alguém passe a defender um político como se defendesse parte de si mesmo.

Esse fenômeno não é exclusivo de um espectro político. A história mostra que ele pode acontecer à direita, à esquerda ou ao centro. Sempre que uma figura política deixa de ser vista como humana, sujeita a erros e limites, para ocupar o lugar de alguém que supostamente detém todas as respostas, abre-se espaço para o fascínio. E onde há fascínio, frequentemente há diminuição da capacidade de perguntar.

Talvez uma democracia saudável dependa justamente do contrário: da possibilidade permanente de fazer perguntas.

A política, afinal, nasce do encontro en-



tre pessoas diferentes. Não existe sociedade composta por indivíduos que desejam exatamente as mesmas coisas. Há interesses distintos, necessidades diversas e conflitos inevitáveis. Freud já apontava, em *O Mal-Estar na Civilização*, que viver em sociedade implica renunciar a parte das satisfações individuais para tornar possível uma vida coletiva. Essa renúncia nunca é completa nem confortável, mas constitui uma das bases da convivência.

É nesse cenário que a política ganha importância. Não como um espaço destinado

públicos. Naturalmente, toda política pública pode e deve ser constantemente avaliada, aperfeiçoada e criticada. O próprio SUS, a educação, a segurança e outros segmentos, enfrentam desafios importantes relacionados ao financiamento, às desigualdades regionais e às dificuldades de acesso. Mas reconhecer seus problemas não significa ignorar sua importância. Pelo contrário: cuidar do que é público exige justamente a disposição de identificar falhas para fortalecê-lo.

É possível que a psicanálise também ofe-

— “A política, afinal, nasce do encontro entre pessoas diferentes”

apenas aos políticos profissionais, mas como a construção cotidiana das regras que organizam a vida em comum. A política está presente quando discutimos educação, transporte, cultura, segurança, trabalho, moradia e saúde. Mesmo quem afirma não gostar de política continua vivendo sob seus efeitos.

Isso significa que defender políticas públicas, por exemplo, não é defender um governo específico. É reconhecer que certos direitos precisam existir independentemente de quem ocupa temporariamente os cargos

reça uma contribuição nesse ponto. Ela nos lembra que toda idealização excessiva costuma produzir seu oposto: a decepção absoluta. Quando esperamos que um governante resolva todos os problemas, inevitavelmente nos frustramos. Quando acreditamos que um partido representa sozinho toda a verdade, deixamos pouco espaço para o diálogo. E quando transformamos adversários em inimigos absolutos, a escuta torna-se quase impossível.

A democracia não elimina os conflitos; ela

cria formas de conviver com eles sem recorrer à violência. Votar, nesse sentido, é mais do que escolher um nome. É participar de um pacto coletivo que reconhece a pluralidade das vozes e a legitimidade das diferenças.

Por isso, é importante desconfiar das promessas de soluções simples para problemas profundamente complexos. A vida social dificilmente cabe em slogans. Questões como sofrimento psíquico, pobreza, violência, desigualdade e exclusão não desaparecem por decreto. Exigem políticas consistentes, investimento contínuo, participação social e compromisso com o bem comum.

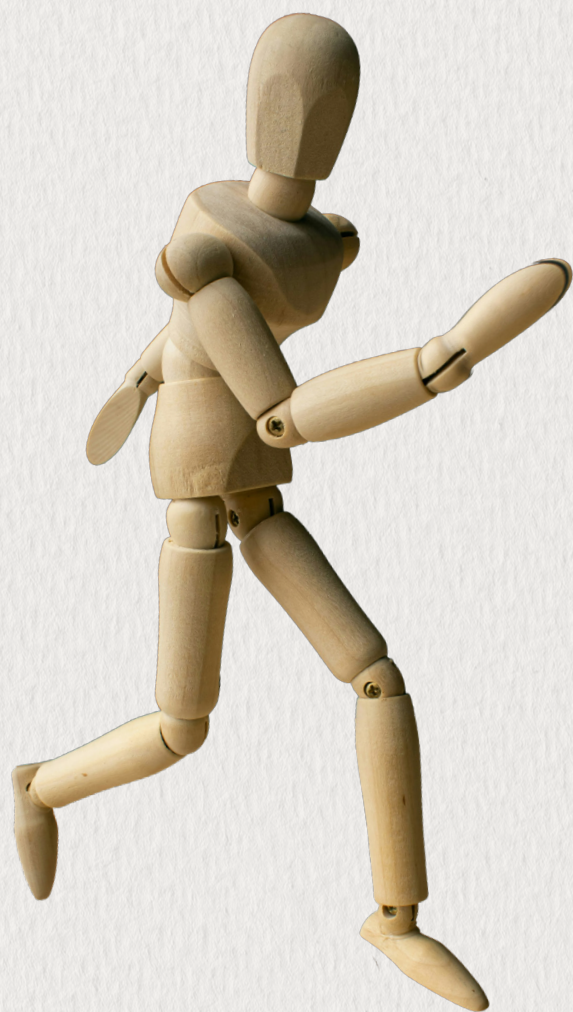
A psicanálise também nos ensina que nenhuma sociedade será plenamente livre do mal-estar. Sempre haverá tensões, perdas e insatisfações. Mas reconhecer essa condição talvez nos torne menos vulneráveis às promessas de salvadores e mais disponíveis para construir soluções coletivas, graduais e possíveis.

No fim das contas, votar talvez seja menos um gesto de encontrar quem nos representa perfeitamente e mais um exercício

de responsabilidade diante do mundo que desejamos compartilhar. Afinal, as escolhas políticas não afetam apenas quem pensamos ser; elas alcançam também aqueles que nunca conheceremos: a criança que dependerá da escola pública, o idoso que precisará do SUS, a pessoa em sofrimento psíquico que encontrará ou não uma porta aberta para o cuidado, o trabalhador que buscará proteção em momentos de vulnerabilidade.

Em tempos de campanha, vale a pena ouvir propostas, confrontar informações, reconhecer nossos afetos e, sobretudo, preservar a capacidade de pensar. Freud jamais acreditou que fosse possível eliminar completamente as paixões humanas. Mas talvez a democracia dependa justamente de algo muito simples e, ao mesmo tempo, muito difícil: não deixar que pensem por nós.

E talvez a pergunta mais importante desta eleição não seja apenas “em quem vou votar?”, mas outra, bem mais silenciosa: meu voto nasce da reflexão ou apenas da identificação com aquilo em que eu gostaria de acreditar?



ONDE MORAMOS PRIMEIRO

Movimento, autonomia e o cuidado com o corpo que nos leva pelo mundo

Você deve estar se perguntando o motivo pelo qual uma revista de cultura está falando sobre saúde, e a resposta é simples: cultura é o modo como se vive. É justamente através do encontro entre movimento e cuidado que essa relação se revela.

Conversamos com a fisioterapeuta Isabelly Castro sobre por que o movimento vai muito além da reabilitação e como ele influencia

nossa autonomia, saúde e qualidade de vida.

Isabelly atua na área há cerca de cinco anos, com enfoque em ortopedia, gerontologia e neurologia. Para ela, a fisioterapia é como uma ponte que conduz o caminho de volta para uma vida agradável, com uma rotina saudável e uma vida sem tantas dores ou adaptações. Acredita na força do movimento e na importância do cuidado e assume um novo olhar perante o paciente, compreen-

dendo a gama de fatores que culminaram na necessidade de recuperação, olhando não apenas para o processo, mas para a pessoa como um todo.

A maioria das pessoas associa a fisioterapia apenas a processos de reabilitação, o que as pessoas não sabem sobre as possibilidades que vão além da recuperação e que costuma surpreender?

Realmente a maioria das pessoas associa a fisioterapia apenas ao processo de reabilitação e elas não estão completamente erradas, né? A fisioterapia é uma reabilitação, mas se estende para além disso. Foi isso que me brilhou os olhos desde o começo, quando eu fui escolher uma profissão. Eu nunca fui a pessoa que pensou em fazer algo para o resto da vida, eu sempre pensei na possibilidade de mudar de área no meio do caminho e com a fisioterapia isso é possível.

O COFFITO (Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional) reconhece oficialmente mais de uma dezena de especialidades voltadas para a reabilitação, prevenção e promoção da saúde. A mais conhecida é a Ortopedia, que trata a recuperação músculo-esquelética. Outras possibilidades são a Cardiovascular e a Respiratória ou áreas de desempenho específico como Gerontologia

com foco nos idosos; Dermatofuncional com foco em problemas de pele; Esportiva com foco em atletas; Neonatal com foco em recém-nascidos; e Saúde da Mulher.

E para além da recuperação, o ponto mais importante da fisioterapia e que todos nós que trabalhamos nessa área tentamos trazer à luz, é que a fisioterapia não precisa ser acessada só quando há dor e dificuldade. Nossa maior intenção é mostrar que a fisioterapia pode prevenir, evitando o desgaste antes que ele aconteça. Essa é a principal possibilidade da fisioterapia.

Você costuma falar sempre sobre a importância do movimento e acredito que isso seja uma marca sua. De maneira prática, qual é a importância disso para a saúde e como isso pode ser aplicado no cotidiano?

Eu costumo falar da importância do movimento porque eu acredito no corpo como a nossa casa. Ao mesmo tempo, eu o vejo como uma máquina perfeita. Mas uma máquina precisa de ajustes, o nosso corpo é extremamente inteligente, então, ele sabe exatamente como responder quando algo está em desequilíbrio, e o movimento é exatamente isso.

Quando estamos doentes, esquecemos que o movimento é crucial para o nosso corpo, ele não foi feito para ficar parado, sen-

tado o dia inteiro em uma cadeira ou em pé na mesma posição. Quando a gente para de fazer esses movimentos ou quando a gente não tem noção disso, nosso corpo começa a se enrijecer, a perder lubrificação, começa a perder água, consequentemente força e flexibilidade. Tudo isso por conta da falta de movimento.

O movimento cura nesse sentido, se você aprende a usar o seu corpo ao seu favor, se você cuida, se você alimenta, se você nutre, se lubrifica, se fortalece, você consegue usar o seu corpo por mais tempo e para fazer o que quiser.

Na sua experiência, qual é a maior transformação que acontece quando alguém aprende a se movimentar melhor, em que áreas isso impacta? E o que acontece quando deixamos isso de lado?

Quando a pessoa traz para a consciência que ela precisa não só usar o corpo, mas cuidar do corpo para ter saúde e autonomia para fazer as coisas, isso se torna tão gratificante que impacta principalmente na saúde mental.

Então, se você não cuida, ou está com alguma limitação que naquele momento você precisa ficar um pouco mais em casa, ou no hospital se recuperando, você pode ter a

sensação de que a vida está passando e você está estagnado sem melhorar e isso gera ansiedade. Muitas pessoas perdem a paciência com elas mesmas, com o corpo delas, e não entendem que é um processo, e isso impacta muito na saúde mental.

Na minha experiência, falta um pouco de disposição nas pessoas em conhecer o próprio corpo e ter paciência com ele. Acredito que quando você cuida do seu corpo, se movimenta, se fortalece, faz atividade física, e entende que seu corpo pode te levar para qualquer lugar para fazer qualquer coisa, você vive mais feliz. Se você tem um corpo saudável que te permite fazer o que você gosta, te permite estar perto das pessoas que você ama, isso ajuda a ver o mundo e ter novas experiências.

Você trata pessoas, não apenas dores, na sua prática, o cuidado parece ir além da técnica, como a escuta, a atenção e a personalização fazem diferença para o paciente?

Eu lembro de estar na faculdade e um professor que eu admirava falou:

“Não adianta você ter vários diplomas, várias pós-graduações, ter todo o conhecimento do mundo, e não saber lidar com as pessoas, não saber tratar as pessoas.”





Isso me impactou muito, porque na prática eu vi que isso acontece. Eu já atendi desde crianças até pacientes de 102 anos. Se você não sabe se comunicar e gerar uma conexão com a pessoa, falar a língua dela, você não vai conseguir atingir o objetivo, ainda que você tenha conhecimentos, ainda que você seja um doutor na área.

Eu tenho pacientes que já me chamaram para fazer parte de momentos especiais e continuam me chamando mesmo após o tratamento, porque, durante o tratamento foi estabelecida uma conexão que pode começar até de um desabafo compartilhado e isso é gratificante. Não é só sobre cumprir minhas horas de trabalho.

Uma coisa que eu tenho observado muito e que provavelmente vai me levar a estudar mais sobre, é que, às vezes, a pessoa chega no consultório com algum problema, e a gente tende a tratar o problema. Só não adianta tratar o problema e não tratar a causa do problema. Mas às vezes, a causa do problema não é da fisioterapia. Às vezes, a falta de motivação do paciente, o aumento da dor, ou a limitação nos afazeres cotidianos, pode ser porque falta uma empatia familiar, uma escu-

ta, ou ele não acredita em si mesmo... Coisas que vão além das competências aprendidas na faculdade. Então, eu acredito muito que o cuidado, a atenção, a empatia, têm que fazer parte do profissional de saúde. Se você não tiver isso, infelizmente, não tem diploma nenhum que vai te fazer chegar no objetivo de ver o paciente bem.

Uma fisioterapeuta convive diariamente com pessoas que carregam histórias no próprio corpo, seja um acidente, o envelhecimento, a maternidade, o trabalho, um esporte ou alguma doença. Como uma tradução entre o corpo e a vida, ela não trata apenas corpos, mas biografias.

A forma como cuidamos do nosso corpo é construída culturalmente, e nesse contexto, busca-se o tratamento somente quando a dor aparece, mas o cuidado deve vir como prevenção e não como resposta. O autocuidado deve caminhar ao lado do autocuidado para que possamos seguir em movimento, redescobrimo-o sempre que necessário para assim habitar, com presença, a primeira casa em que moramos: o nosso corpo.

Texto de Kahenna Ochay, baseado em entrevista com Isabelly Castro

A Odisseia não precisa ser fiel ao clássico para ser legítima

Falar de A Odisseia hoje, a partir da adaptação dirigida por Christopher Nolan, exige mais do que revisar um clássico: exige compreender por que essa história atravessa milênios sem perder relevância.

Atribuído a Homero, o poema nasce de uma tradição oral moldada ao longo do tempo. Não existe, portanto, uma versão definitiva, o que relativiza uma das críticas mais recorrentes ao filme: a da fidelidade.

Cobrar precisão absoluta de uma obra que sempre existiu em movimento é ignorar sua natureza. Adaptar, aqui, não é trair, mas continuar.

E o diretor parece entender isso com clareza.

O Odisseu de Nolan não é apenas o herói astuto, mas um homem atravessado pelas consequências das próprias escolhas. Mais do que retornar a Ítaca, ele tenta reencontrar um lugar possível depois de toda a ruptura. O

que se perdeu não volta.

Cada encontro ao longo do caminho, cada desvio, cada figura mítica, não funciona apenas como obstáculo, mas como transformação. Odisseu é continuamente moldado pelo que atravessa. Como nós.

Há também uma camada mais estrutural: a reflexão sobre o que sustenta uma civilização. A lei de Zeus, associada à hospitalidade, atravessa a narrativa como princípio ético. Receber o outro não é apenas um gesto moral, mas um pacto civilizatório. Sua quebra não gera apenas conflito, sinaliza colapso.

É nesse ponto que o filme se aproxima do presente.

Há algo paradoxal em como Nolan trata essa destruição: ele constrói, com extremo rigor, uma obra sobre aquilo que se perde. Não é pouca coisa sustentar quase três horas de narrativa sobre a ruína de um mundo, e fazê-lo com a mesma precisão com que Odisseu tenta reconstruir o que ficou para trás.

THE ODYSSEY

Essa construção aparece primeiro no ritmo. Nolan utiliza um recurso característico em sua filmografia, a fragmentação temporal, e aqui vemos esse artifício também como espelho da própria experiência de Odisseu: a narrativa avança, recua, se reorganiza, e o espectador é obrigado a montar sentido a partir de fragmentos, do mesmo modo que o herói tenta montar sentido a partir do que sobrou de si.

A fotografia segue essa lógica dando vida e textura ao que poderia ser apenas ruína. Filmada em locações reais e projetada em IMAX 70mm, a imagem ganha uma escala que beira o místico: uma grandiosidade capaz de engolir o espectador e sugerir a presença dos próprios deuses e figuras mitológicas, que o filme prefere não representar de forma tão explícita.

O mítico chega com sutileza: não com deuses escancarados, mas com presença, silêncios, e com uma trilha sonora muito bem elaborada para carregar essa existência do divino. A trilha sonora de Ludwig Göransson, que já rendeu Oscar a Pantera Negra e Oppenheimer, complementa toda a obra. Há um cuidado especial na recriação de instrumentos da Antiguidade: o uso da lira e do aulo, instrumento semelhante a uma flauta dupla associado à tradição grega, reforça uma ambientação sonora orgânica, que ocupa o es-

paço que a ausência divina poderia deixar em aberto. É essa textura, tátil na imagem e ancestral no som, que dá corpo ao mito: cada pedra, cada paisagem, cada nota, existe como matéria, não como pano de fundo.

O mesmo vale para a decisão de priorizar efeitos práticos. Um ciclope construído fisicamente carrega peso e textura que o CGI dilui; Polifemo se torna presença, não efeito. É a forma reafirmando o que o conteúdo já diz: reconstruir não é simular, é dar corpo.

Nomes de peso como Zendaya e Lupita Nyong'o interpretam papéis importantes e marcantes na mitologia, Atena e Helena de Tróia, respectivamente, mas com pouco tempo de tela. Longe de ser um desperdício, essa escassez parece intencional: assim como os deuses que se manifestam no silêncio e no som, essas figuras atravessam a jornada sem nunca dominá-la, deixando um rastro maior do que sua presença física em cena. A escolha do rapper Travis Scott para incorporar a figura do aedo, o cantor que narrava histórias na tradição oral, reforça esse elo entre passado e presente, não como reconstrução histórica, mas como tradução cultural.

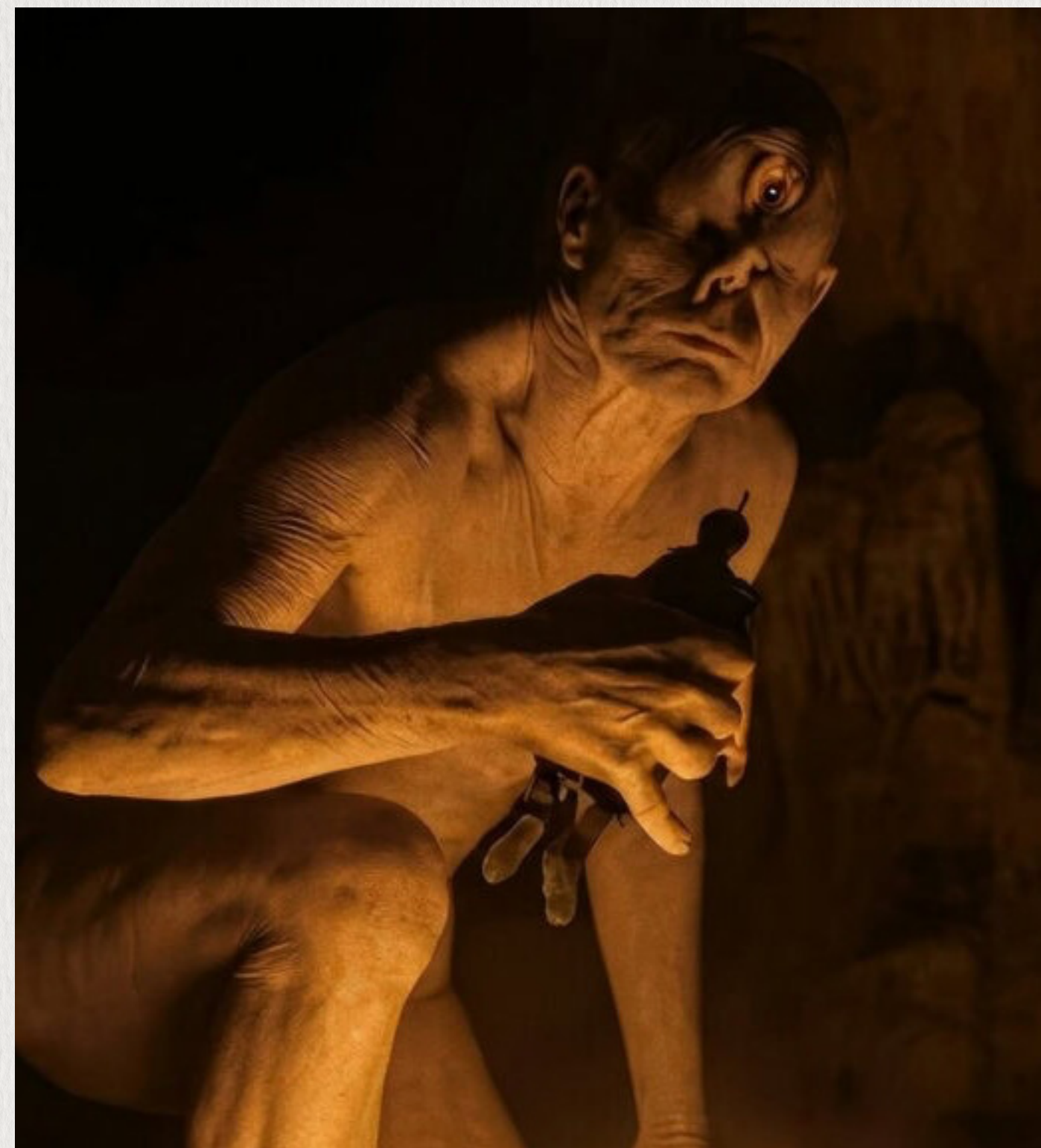
No fim, talvez a questão não seja o quanto essa versão é fiel ao passado, mas o quanto ela consegue dialogar com o presente.

Porque mitos não sobrevivem por serem

repetidos com precisão, mas por continuarem sendo reinterpretados.

E talvez seja esse o ponto mais incômodo: ao assistir à jornada de Odisseu, não estamos olhando para um herói distante, mas

sim olhando para o seguinte dilema: depois de tudo o que atravessamos, ainda sabemos para onde voltar? E, quando voltamos, ainda existe um lugar capaz de nos reconhecer?



VIDAS MOLHADAS

“Um dia feliz tem mais poder que a tristeza de uma vida inteira”. Essa frase talvez seja a que melhor resume o livro sobre o qual vou falar nesta edição, porque há muito não sou impactado com uma narrativa tão forte, viva, clara e indomável quanto esta. Realmente tudo que um rio é.

Tudo é rio, da belo-horizontina Carla Madeira, conta a história de um triângulo amoroso protagonizado por Venâncio, um homem de muitas camadas, criado por um pai abusivo e que tenta de todas as formas fazer diferente do que lhe foi ensinado; Dalva, a esposa alegre, criada por pais amorosos, muitos amigos, bela, apaixonada e que tem o poder de manter-se viva quando todos desejariam a morte; e Lucy, a puta (não uma, mas A puta como ela mesma se intitula), indomável, destemida, obstinada, gostosa e que tinha tudo e todos aos seus pés.

Os rios dos três se cruzam quando Dalva e Venâncio perdem seu único filho em um episódio muito violento, depois de anos de

um casamento feliz, o casal fica seco, sem amor, sem interação, sem Deus. Enquanto Venâncio busca consolo para seus desejos na Casa de Manu, onde vivem as mulheres da vida, Dalva processa seu luto em silêncio, sem gritos; um rio seco. Venâncio se deita com várias, mas não tem olhos para Lucy, o que desperta nela um ódio profundo, um desejo que precisa ser saciado de qualquer forma, nem que seja a última coisa que faça.

Ciúme, raiva, egoísmo, luxúria e cobiça são comuns a todos nós; são emoções que vêm, não sabemos de onde, e muitas vezes não sabemos onde desaguam. Pensamos ter controle sobre a vida, sobre as situações... Mas ninguém laça a vida, uma hora ela corta nossas mãos e temos que viver com o que restou.

Ao longo da história dos três, somos levados a culpar várias pessoas pelas situações dolorosas que acontecem: Deus, os pais, os amigos... Mas, no fim, somos nós que devemos prestar contas do que fizemos. Os sentimentos são nossos, assim como a respon-

sabilidade pelas agressões e pelas traições que cruzam a narrativa. Vários rios formam um oceano, mas o caminho percorrido por essas águas até lá pode ser de vida ou de destruição.

Tudo que fazemos ou dizemos atinge as pessoas. O sexo, energia que atravessa toda a narrativa, é um exemplo perfeito disso. Ele

pode unir e desunir, viver ou desviver, juntar ou separar. Não controlamos onde os rios surgem nem o curso que seguirão, mas podemos criar métodos de direcioná-los para onde queremos. E quando não podemos fazer isso, só nos resta uma saída: pedir para que Deus volte de onde ele não deveria ter saído.



— “Um dia feliz tem mais poder que a tristeza de uma vida inteira”

AUTORA CARLA MADEIRA

Colaboradores

desta edição



Carlos Rocha

Editor-chefe e diretor criativo

Formado em Moda, com pós-graduação em Comunicação e Marketing em Mídias Digitais. Uma alma impetuosamente criativa, movida por design e cultura.



Kahenna Ochay

Editora-chefe e curadora

Comunicadora social e publicitária apaixonada por astrologia, linguagem e pelas pequenas belezas da vida. Metade razão, metade poesia



Viviane Vieira

@viviane_vieira_vvp

Mulher negra, professora desde sempre, filha, mãe, neta, tia. Cresci em uma comunidade que me ensinou o sentido do pertencimento e me presenteou com vivências e memórias que permanecem como raízes profundas em minha trajetória. Escrevo sobre aquilo que vivo, sinto, observo e aprendo. Sobre as delicadezas e as dores do cotidiano, sobre as ausências, os afetos, as travessias e os recomeços.



TCS

EXPRESSÃO

Poeta, fotógrafo e designer nas horas úteis. Faço arte como quem faz uma tatuagem, pra registrar e admirar com o tempo. Sou uma confraria de vivências muito particulares que podem ser brevemente observadas no que eu faço pra respirar.



Kiara Almeida

@kiara.allmeida

OLHAR CAERU & INSPIRAÇÃO

Social media e designer gráfica, com formação também na área da moda, desenvolve seu trabalho a partir da interseção entre comunicação, cultura visual e análise criativa, com um olhar esteticamente apurado e mantendo uma relação constante com as linguagens da moda e as tendências de comportamento.



Isabelly Castro

@fisio.isabellycastro

PENSAR É CRIAR

Fisioterapeuta, atua na promoção do movimento, da autonomia e da qualidade de vida por meio de uma abordagem individualizada e humanizada. Com foco em reabilitação domiciliar e pilates terapêutico, desenvolve um trabalho personalizado, respeitando as particularidades, os objetivos e o ritmo de cada paciente.



Hebert Souza

@bettoosouza

PENSAR É CRIAR

Psicólogo na Atenção Primária do SUS-BH e psicanalista em consultório particular. Mestre em Promoção da Saúde e Prevenção da Violência pela UFMG e especialista em Gestão Pública Municipal pela UEMG. Atua como docente em pós-graduação e integra os Núcleos de Pesquisa em Psicanálise, Psicose e Saúde Mental do IPSM/EBP-MG.



Henrique Reis

@henriquereisreal

INSPIRAÇÃO

Vinte e seis aninhos de muitas aventuras, belo-horizontino de coração e metropolitano de nascimento. De humanas e das exatas, amante da arte em geral. CLT de segunda a sexta e menino da noite nos fins de semana. Graduado em Processos Gerenciais, encantado por BH, suas histórias, suas curvas e seu povo.



Caeru

@revistacaeru

revistacaeru.com.br

revistacaeru@gmail.com